

volume proporcionam assim uma visão multifacetada e acutilante da Antiguidade Clássica, além de alargar o espaço de reflexão que os poemas homéricos, a lírica arcaica grega, a tragédia e a comédia áticas, as ideias platónicas e até mesmo a literatura grega tardia podem suscitar no leitor contemporâneo, quer pelas suas especificidades próprias quer pelos ecos que produziram nas obras literárias posteriores, inclusive nas da nossa modernidade.

Estamos, assim, perante uma colectânea de ensaios bem organizada, com índices onomástico e temático de grande utilidade. De leitura aprazível, esta obra pode recomendar-se a um público vasto e bem diversificado: os especialistas encontrarão nele alimento que baste; os menos versados em temas clássicos também não se sentirão defraudados, pois se não quiserem mergulhar na erudição mais especializada, podem usufruir de uma leitura competente e matizada de um passado humano e de uma literatura a que os Gregos antigos deram um brilho inextinguível.

Aguardamos, agora, a prometida publicação da tradução da *Ilíada* — que parece estar para breve — e do comentário português à *Odisseia* que Frederico Lourenço declara, neste volume, ter a intenção de elaborar.

MARIA FERNANDA BRASETE

**Ésquilo, *Oresteia* (ed. bilingue). Estudo e tradução de Jaa Torrano, São Paulo, Ed. Iluminuras, 2004, 3 vol. [ISBN 85-7321-204-7, 85-7321-205-5, 85-7321-206-3]**

Antes de mais um franco elogio ao requinte desta edição bilingue da *Oresteia* esquiliana, que dificilmente não poderia deixar de apetecer ler, a um primeiro olhar.

Habituou-nos já o Prof. Jaa Torrano a trabalhos de grande rigor na investigação especializada da literatura grega antiga e por isso não é de admirar que nos apresente agora este volume triplo das peças esquilianas, que integram a única trilogia grega conservada até aos nossos dias, e com a qual o poeta trágico terá granjeado o primeiro prémio nos célebres concursos dramáticos das Grandes Dionísias, em Atenas, no ano de 458 a. C.

No início de cada volume, encontramos um conjunto de artigos introdutórios muito úteis, que resgatam os principais tópicos de discussão da peça em causa, a que se segue um breve estudo sinóptico, uma nota editorial que antecede o texto grego e respectiva tradução em língua portuguesa, aparecendo por último as referências bibliográficas a edições e autores consultados. De salientar que o facto de se tratar de uma edição bilingue, com o texto grego numa página e a tradução em língua portuguesa na outra, torna mais fácil o seu cotejamento, favorecendo igualmente um estudo linguístico autónomo do texto grego.

Os leitores de língua portuguesa tinham já à disposição uma tradução magistral da *Oresteia*, da autoria do Prof. Manuel de Oliveira Pulquério, publicada pelas Edições 70, baseada na monumental edição de Fraenkel, para o *Agamémnon* e na edição oxoniense de Page, para as *Coéforas* e para as *Euménides*, com um formato editorial mais modesto, mas funcional. Um primeiro contraste entre estas duas edições detecta-se imediatamente na própria mancha tipográfica do texto da tradução: Manuel de Oliveira Pulquério optou por verter em prosa, inclusive as partes líricas, enquanto Jaa Torrano preferiu o verso livre. É evidente que estas opções diferenciadas vão ter repercussões linguísticas e estilísticas significativas no texto da tradução, embora as maiores divergências decorram das variantes textuais adoptadas.

Propondo-se apresentar uma versão tanto quanto possível literal da trilogia, Jaa Torrano baseia-se nas edições de J. D. Denniston e Dennis Page, para o *Agamémnon*, de A. F. Garvie, para as *Coéforas* e de Alan H. Sommerstein, para as *Euménides*, ressaltando nas respectivas notas editoriais os casos em que seguiu outras soluções textuais. De salientar que Ésquilo é um dos poetas gregos mais difícil de traduzir para uma língua moderna e, por conseguinte, exige ao tradutor uma competência e um engenho acrescidos para responder às exigências filológicas e qualidades literárias de um texto composto num estilo eloquente e grandioso, entretecido por uma poderosa imagética metafórica.

Os estudos introdutórios que antecedem cada peça revelam o notável discernimento crítico-filosófico do A. na selecção de temas

pertinentes, transformando-se, sem dúvida, num instrumento de trabalho e de consulta valioso a quantos se interessam pela tragédia esquiliana ou pela tragédia grega em geral.

No primeiro volume (*Agamémnon*), um breve estudo de carácter geral sobre «A dialéctica trágica na *Orestéia* e Ésquilo» abre uma sequência de 17 subcapítulos dedicados à problemática da peça e que aparecem subordinados ao título «Sacralidade e Violência. Estudo de Agamémnon». No Proémio, o A. informa que o pressuposto das suas linhas de análise foi «a hipótese de que na tragédia se desenvolve uma dialéctica pré-filosófica, na qual se confundem e se distinguem quatro pontos de vista e quatro graus de verdade, correspondentes à tradicional hierarquia das categorias divinas consideradas pelos gregos venerandos (a saber, a dos deuses, *Daímones* e heróis), hierarquia tríplice a que se acrescenta o homem em sua realidade política e social» (p.18).

O estudo das *Coéforas* recebe o título genérico de «Herói e Honras Heróicas», repartido depois por dezasseis subcapítulos, ao longo dos quais se discutem questões hermenêuticas levantadas pela leitura peça, tanto em relação a «nomes e noções próprios do pensamento mítico e religiosos grego quanto à estrutura mesma da tragédia como género literário» (p.15). A caracterização bem como algumas passagens mais emblemáticas — a *anagnórise* e o *kommós*, por exemplo — recebem uma atenção especial, na análise desta peça, que pela primeira vez, na tragédia grega, equaciona o problema do matricídio.

No volume dedicado à peça que conclui a trilogia, sob o título «Teologia Trágica. Estudo de Euménides», reúnem-se textos relacionados, em boa parte, com as questões essenciais desta tragédia, como, por exemplo, a função do coro, a metamorfose das Erínias em Euménides ou a instituição do tribunal do Areópago por Atena.

De um modo geral, estamos perante um trabalho de grande mérito, se bem que nos pareça que poderia ter sido bastante útil a inclusão de um *index verborum* e de um índice onomástico.

Trata-se de um excelente contributo para o estudo do *opus magnum* de Ésquilo, e uma referência indispensável para todos aqueles que se interessam por teatro e literatura.

Congratulamo-nos, pois, com a chegada de uma obra como esta à Área de Estudos Clássicos da Universidade de Aveiro e esperamos que o nosso mercado editorial e os nossos livreiros invistam na sua distribuição, cumprindo-se assim o tão desejado intercâmbio cultural com o nosso país-irmão.

MARIA FERNANDA BRASETE

**J. A. Sánchez Marín – M<sup>a</sup> N. Muñoz Martín (eds.), *Retórica, Poética y Géneros Literarios*, Granada, Universidad de Granada, 2004, 629 pp.**

Nesta notável publicação da Universidade de Granada aparecem reunidos trinta excelentes trabalhos que abrangem um amplo espectro temporal, desde a Antiguidade até ao séc. XVIII, sempre sob o fio condutor da teoria retórica e poética. A maior parte deles provém das diferentes conferências pronunciada durante a realização de um Seminário realizado em Granada, com o mesmo título, em Abril de 2003. A estes acrescentaram-se sete contributos, um deles inédito, que complementam os objectivos da publicação. O agrupamento dos trinta artigos segue um critério cronológico de autores tratados, ainda que por vezes seja apenas aproximado. Isto permite avançar na leitura adquirindo uma ideia muito precisa do evoluir das teorias da palavra pelas diferentes épocas e pelos diferentes escritores.

Antonio López Eire abre o livro com um estudo das teorias poéticas anteriores a Aristóteles que este retoma para constituir a sua própria reflexão. São precisamente a obra do Filósofo e alguns dos seus problemas sem solução que constituem o tema do trabalho de Maria Helena da Rocha Pereira. Outros autores gregos são estudados: Carmen Leal Soares trata das *Historias* de Heródoto, Maria Fátima Silva de